



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

23 DE DEZEMBRO DE 1961
ANO XVII — N.º 464 — Preço 1\$00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ P.AÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA P.AÇO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

NATAL

«Do Senhor é a Terra e tudo o que a enche; o Universo e todos que o habitam» (Dos Salmos).

Que feliz se todos os homens aceitassem esta Possessão! Que bom seria ainda, se todos os que crêem (ou julgam crer!...) aceitassem de facto esta Possessão!

A Terra, Reino de Deus, seria o trono do Seu Reinado de verdade!... Os homens todos (ao menos os que crêem, ou julgam crer!...) seriam seus ministros na mútua distribuição do Amor. Os problemas que são, não seriam. Os homens, não os criavam! E, se algum surgisse, Deus, voltado para os homens e estes para Si, «vivificados por Ele, alegres n'Ele» — Deus diria a solução!

Tão simples, tão feliz, se os homens fizessem da Terra a Casa de Seu Pai, e d'Ele, além da Terra, tudo quanto a enche e todos que a habitam! Mais do que aceitarem e respeitarem a possessão por Deus da Terra e de tudo que a enche — adorem-n'O na posse dos homens, Suas criaturas, chamados a filhos e herdeiros!

No conhecimento e no amor do Pai está o segredo da harmonia entre os filhos. O Pai é infinito. A Sua herança é para todos; não se consome. A Casa d'Ele é a nossa. E não sendo d'Ele, jamais será nossa, porque cada homem que a querera para si, angustiado, receoso de que não chegue também para si — a Terra que é Deus e os homens tornam terra de ninguém.

TRIBUNA de Coimbra

VOLTEI ontem ao bairro do Património dos Pobres. Ao subir a encosta, quando fixei a Casa-mãe já exteriormente pronta e caiadinha, fiquei contente, tão contente, que até a subida me foi mais suave!

Há tanto tempo que anseio por ver ali as Criaditas dos Pobres a formar, a humanizar, a amar aquela pobre gente que tantos cuidados me tem dado. Tanto tenho sentido o abandono a que estão votados aqueles meus irmãos. Sem água, sem luz fora de casa, sem esgotos, a calçar sempre a mesma lama!

Ontem entrei na casa com mais esperança. Encontrei muitos operários, cada qual no seu ofício: pedreiros a abrir fossos para os tubos e canos; estucadores a retocar cantos e a desempenar paredes; montes de material eléctrico à espera de ser aplicado; rimas de ladrilhos e tijoleiras a aguardar a hora de servir. Tudo a dizer que a hora se aproxima. Quanto me

apetecia cantar hinos e antífonas desta quadra litúrgica!

Tudo está a ficar pronto, mas este tudo é de paredes, é só de casa imóvel. Porém falta tudo para começar a funcionar. Eu nem sei enumerar o que vai ser preciso, de tanta coisa que é: um postozinho de assistência médica, com o indispensável; e uma sala onde os homens à noite se possam reunir com uma telefonia e um televisor e jogos e mesas deles; e uma creche com berços e roupas para eles e refeitório e casa de trabalho; e um parquezinho infantil com divertimentos adequados; e a cozinha com fogão e lava-louças e armários e louças para muita gente; e a capela com altar e tudo que é necessário para o culto. E todo o recheio para que as pobres Criaditas possam habitar a casa. Elas não têm nada a não ser a alma grande e o amor de Deus. Vão sem saca, sem bordão, que é assim que tem de ser quem quer seguir o Mestre. Vão confiadíssimas no Senhor que toca o coração dos seus fiéis.

Falta isto tudo que te apontei. Que vais tu oferecer em resposta a este convite que o Senhor hoje mesmo te faz por minha boca e minha mão? Responde, não sejas ingrato, nem me obrigues a ir bater à porta de tua casa, porque tenho cem filhos à minha espera e não posso perder tempo.

Em recom pensa aceita os votos de boas festas que faço a Deus por ti e pelos teus.

PADRE HORÁCIO

Visado pela Comissão de Censura



Os nossos pequeninos desejam a todos os leitores um Natal feliz.

DOIS forasteiros penetram em cidade do Médio Oriente e, de porta em porta, mendigam pouxada. O gelo da indiferença, porém, sempre arrefeceu os corações de todos os tempos e latitudes, e as portas não se abrem. Os caminheiros resignam-se a pernoitar em gruta de pastores. E, no silêncio da noite, fora do convívio dos homens, em palhas por berço, nasce Jesus.

Os séculos rolam. Em casa pobre, parálitica amargurada com os dias intermináveis, de horas vazias de conforto, vive com o filho e oito netos, todos ten-

CALVÁRIO

rinhos ainda. A fome costuma a vitimar inocentes por toda a parte, e aqui, a pobre enferma é delas uma. Tuberculiza. E, de tal modo que se impõe a separação — sob pena de contágio. Instituição adequada propõe-se remediar o mal, acolhendo-a. E a pobre é guindada aos ares da serra. Dois dias somente de estadia. Tão escassos, que nem tempo dá para sorrir a quem vivia triste. Ao terceiro, «não pode estar» — informam-nos Preocupados e aflitos já trepamos a encosta da montanha para conhecer a causa. — «Dá muito trabalho. É parálitica, bem vê. Demais já não tem cura, que o mal atingiu-a profundamente». — Mais do que nunca na vida de padre da rua, ferra-se-me no peito mágua intraduzível.

— Mas para onde levá-la se na casita donde veio, elle tem oito netos todos pequeninos? Para onde?

— Tem que sair, — respondem-me. Para onde não importa. Ficava certamente, se desse modo mais um número pudesse adicionar-se ao daqueles que se curam. Mas não! Este fardo deixa de pesa nestas paragens.

Ai que se nós invertêssemos a situação, perguntar do-nos como desejaríamos ser tratados em circunstâncias idênticas... Nós que não toleramos que nos faltasse a botija de água quente quando nos encontramos enfermos... Somos assim frios para com os outros? Ciosos de bem estar par conosco. Alheios às necessidades dos mais. Mas sempre e em demasia atentos às nossas.

E a pobre doente que ninguém quer «porque dá trabalho», vem comigo sentar abaixo para o Calvário esperando que irmãos não doem a não deitem a abandono.

E naquela tarde, rejeitada do convívio dos homens, Jesus tombou enfermo num leito pobre do Calvário. Vem e ama-O.

Cobertores

Durante muitos anos foi o «Senhor dos Cobertores» que se lembrou de nós... Agora que Deus o chamou somos nós que o lembramos a Deus no Altar da nossa capela.

Na oração da missa, quando chega o momento de citar o seu nome, nós dizemos: o «Senhor dos Cobertores». Deus sabe quem é; nós nunca lhe soubemos o nome. Mais glória para ele, a quem o Pai Celeste aconchegará no Seu seio, em atenção às vezes que ele aconchegou o seu Cristo, nem tanto pelos cobertores que dava aos Pobres, como pelo amor que lhes tinha — amor inteligente e corajoso, silenciado em palavras e confessado em acções.

O «Senhor dos Cobertores» morreu — e ainda não surgiu quem lhe tomasse o lugar. Perdão!... Há uns dois anos apareceu um — creio que de Lisboa — que se explicou a nossa Casa de Setúbal, com umas dezenas deles. Não sei se fez do acto hábito, mas bom é que sim.

Porém, aqui no norte, o «Senhor dos Cobertores» não teve sucessão.

E se naquele tempo era tão oportuna a sua visita, quanto mais agora, em que aqueles que se vão gastando nesta Casa do Gaiato, há a juntar os que são precisos na Casa do Gaiato de Beire e, sobretudo, no Calvário. Olhem que os incuráveis são friorentos e Beire é muito frio! Eles precisam de muitos cobertores e muito quentinhos, e leves, que alguns, até o peso da roupa lhes custa a suportar!

Quem quer a benção dos doentes aconchegados pelo seu amor, a garantir-lhe a felicidade cá e LÁ? Quem quer?...

Nós esperamos na volta do novo «Senhor dos Cobertores».

Padre Baptista

★ BELEM ★

«Hoje sabereis que o Senhor virá e nos há-de salvar».

«Amanhã será apagada a iniquidade da Terra e sobre nós reinará o Senhor».

É Vigília de Natal. A Esperança vivida durante o Advento atinge o seu grau mais alto. É hoje, é agora, «que o Senhor virá e nos há-de salvar». Felizes de nós se fôr apagada a iniquidade da Terra, se deixarmos «reinar sobre nós o Senhor»!

Ele conceder-nos-á, se nós quisermos, graças idênticas às que levaram os pastores e os magos até ao Presépio, para aí se enchem de Luz, Verdade e Amor.

A Luz, a Verdade e o Amor são as fontes geradoras da Paz. E quem não suspira pela Paz, ou não lhe dará ainda todo o seu

Carta aos nossos de perto e de longe

Dirijo-me a todos que estiveram sob nossas telhas. O Natal costuma trazer-nos a visita de alguns, que, não tendo ainda constituído o seu Lar, vêm fazer connosco a Festa da Família. Mas penso ainda mais naqueles que não virão: Nos que estão mais longe de nós, pela ingratidão ou pelo esquecimento, incomparavelmente mais longe do que outros a quem a distância em vez de afastar, aproxima.

Penso muito nos que saíram mal e ainda não encontraram o Caminho. Penso nos que, vivendo nas nossas casas, sonham com as liberdades-fogo fátno que são, tantas vezes, a negação da Liberdade.

Penso em todos estes e, tal como o Pai do Filho Pródigo, desejo que os outros — a maioria, por graça de Deus — compreenda e comungue com os seus Padres, neste abrir dos corações ao Alto.

Porquanto, aqueles em quem mais pensamos já receberam a sua parte na herança... Dos outros, de quem se deseja a comunhão no pensar e no sentir, se pode dizer que «tudo quanto é nosso é deles». Àqueles abraçamos com o Amor divino que é a Caridade. A estes também com o amor humano, gerado pela unanimidade no pensar e no sentir. Uns ganharam-nos pela dor que nos fazem; os outros pela consolação que nos compensa. Uns e outros integram a vida real e aproximam-nos do Único que é Mestre e de quem só queremos ser discípulos. No alto da Cruz, levantando ao Pai a Sua Alma, Ele uniu no Seu Amor de Misericórdia e de Justiça a Mãe e o Discípulo Amado... e os outros, os que O escarneciam e jogavam aos dados a Sua túnica: «Perdoai-lhes Pai, que eles não sabem o que fazem».

O Natal que se aproxima traz de roldão à nossa mente estes pensamentos e anseios. Queríamos rezar, rezar bem, por todos. Queríamos saber e merecer apresentá-los ao Senhor que vem como Menino, a ensinar-nos que é dos pequeninos o Reino do Céu. Por isso que nos sentimos pobres para tanto, tão grande é o desejo de engrandecer o coro unido à nossa voz... «pelos irmãos ausentes».

Esta é a nossa palavra aos de perto (ainda que longe na distância!), para que possam ouvi-la também os que estão longe (embora perto...)



valor, nos tempos conturbados que atravessamos? Enquanto tantos se gastam a fabricar pazes fictícias que não podem aquietar a Humanidade, nos seus anseios de justiça e felicidade, que os filhos da Luz sigam sem demora pelos caminhos que levam ao Presépio, onde encontrarão o segredo da Paz para as almas, para as famílias e para a sociedade.

«O que fizerdes ao mais pequenino é a mim que o fazeis».

Como é claro e simples o Evangelho! Por isso mesmo, só as almas rectas e simples o compreenderão. Tantos se ufanam de inteligentes e sábios e não conseguem entendê-lo, porque pretendem que Ele caiba na sua sempre pequenina medida.

Para compreender o Evangelho é preciso deixar que o nosso coração pequenino se dilate no contacto com o coração de Cristo. Isso acontecerá realmente se sinceramente o desejamos e Lho pedirmos, pois que Ele também o deseja e com mais veemência do que nós. Foi para isso que veio. É para isso que vem sempre que nos dispomos a recebê-Lo.

Almas abertas à Luz do Alto, corações dilatados pela caridade de Cristo são toda a riqueza do mundo. Missão sublime a dos cristãos na Terra — espalhar luz e calor à sua volta! Mas tremenda a responsabilidade dos que lhe não são fieis — dos que desprezam toda a riqueza espiritual que lhes oferece a Mãe Igreja!

A caridade para com o próximo necessitado brota espontânea da vida de união com Deus que é a Caridade. Mas o bem que desinteressadamente fazemos ao nosso próximo também pode levar-nos à reconciliação com o mesmo Deus.

«A esmola apaga a multidão dos pecados».

x x x

Fez três anos. Foi no 1.º Domingo do Advento de 1958 que veio a estas colunas a notícia do próximo nascimento de «Belém».

Falou-se então dum *presépio vivo* onde o lugar de Jesus Menino seria ocupado por algumas pequenitas pobres e sem lar. Foram muitos os que acorreram, nessa primeira hora, de todos os cantos de Portugal e até do estrangeiro. Por isso é que a obra sonhada pôde nascer e crescer ao longo destes três anos. Tem hoje a seu cargo vinte crianças necessitadas a quem, graças a Deus, não tem faltado o pão, o vestir, os cuidados de que necessitavam.

Belém cresceu e com ela as belenitas. A casa que a viu nascer já é pequena demais para que nela se possa continuar a tarefa delicada da sua educação e preparação para a vida.

Além disso os pedidos de admissão são inúmeros. As crianças que continuam à espera de um lugar em Belém vão crescendo em meios impróprios e rodeadas de perigos sem conta. Amanhã poderá ser tarde demais para se poderem juntar às que tiveram sorte de vir mais novas...

Conseguir instalações adequadas ao desenvolvimento racional

Férias forçadas em Ordins

Já aqui se falou da recuperação social duma mendiga profissional de Ordins. Era uma tentativa. São casos difíceis estes. Temos vivido à beira do desânimo, depois de lutarmos e lutarmos, depois de substituímos a vicentina visitadora, uma e outra vez, de usarmos vários métodos. Que vale falar-se-lhe na nobreza do trabalho e nas humilhações que sofre o mendigo? O hábito da mendicância facilita o pedinchar, pelo que deixou de constituir uma humilhação Nobreza do trabalho! Mas o Pobre não tem já confiança em si e não se sente com forças morais, para viver, apenas, com o esforço do seu braço. Olha, por isso, como inimigos todos os que tentam contrariar a sua vida parasitária. Parece-lhe que o queremos matar à fome.

Naquele dia tive uma tentação: levantei-me da caixa, onde estava sentado, e abri-a. Cheia, a mais não, de cartuchos dos mais variados géneros!... Fazia-me espécie ver sempre roupa em cima duma mala e concluí: é porque dentro não cabe mais nada. E acertei: não havia lugar para mais roupa!... Ora, diante deste panorama, compreendemos porque é que a nossa Pobre nos recebe, por vezes, de má catadura: queremos tirar-lhe o seu «ofício», em troca doutro que não dá para viver — pensa.

Foi um castigo convencer a Mendiga a ir pela fiadeira de lá de cabra. Antes, estivera a aprender em casa doutra Pobre. Parece que não se ajeitava... mas uma moeda de \$50, prometida por pequenina tarefa, fazia milagres de boa vontade!!!

Em dia aprazado, foi a Mendiga, acompanhada pela mestra, pedir trabalho. Mas, quando se tratava de regressar, monte acima, sucedeu o incrível: pretendia aquela que esta lhe trouxesse a fiadeira, mai-lo sarilho, para vir folgada... Era o cúmulo!

Agora, com os apetrechos em casa, foi preciso convencê-la de que a fiadeira não trabalhava por si mesma... Era preciso passar o tempo junto dela e não, de porta em porta. Mas, como o hábito é uma segunda natureza, resolveu-se aconselhá-la a frequentar só as casas mais importantes ou reservar para tal algum dia da semana, empregando o restante a trabalhar. Para estímulo, prometeu-se-lhe farinha, arroz e leite, tanto quanto necessitasse, desde que cumprisse certa tarefa semanal, muito benigna, aliás.

Depois de repetidas vezes não executar a tarefa marcada, passou a receber, apenas, tanto de géneros, por semana, quanto o peso da lá fiada, no mesmo decurso de tempo. E, assim, lá vai fiando o que lhe apetece.

Finalmente para mais a estimular, vai começar a pagar-se-lhe em dobrado, desde que fie um quilo semanal. Receberá tanto em dinheiro, quanto lhe paga o dono da lá.

Quanto à filha, agarrou-se a fazer camisolas e vai-lhe dando jeito.

Sobre o amanho do quintal, devo dizer que semeou centeio num bocado, reservando para milho outra parte. Creio terá aprendido do ano transacto alguma coisa. Então, quis-nos enganar e enganou-se a si mesma, pois perdeu a pouca semente e trabalho. Veremos se a experiência, mais que as nossas palavras, lhe ensinou alguma coisa.

Termino como principiei: são casos difíceis estes. Mas a dificuldade maior reside em todos os leitores destas redondezas, que, em vez de colaborarem na recuperação desta mendiga, negando-lhe a esmola e aconselhando-a ao trabalho ou dando-lho, em suas casas, ainda por cima fazem coro com a «vítima» revol-

e progressivo de Belém é projecto de que não poderemos desistir, pois que é para a Obra uma questão de vida ou de morte.

Eu fiz aqui o meu primeiro apelo há um mês.

Espero que todos os Amigos de Belém acordem, como os pastores que naquele tempo andavam pelos montes, a apascentar os rebanhos, e mereceram a graça de serem os primeiros a prestar as suas homenagens a Jesus Menino.

Inês — Belém — Viseu

tando-a contra nós nesta empresa mais que árdua de destruir um hábito inveterado.

*

Na CUF há quem acredite em Deus, no poder da oração e, consequentemente, ama os seus irmãos da Curraleira. Escreve-me, pela segunda vez, «Um grupo de empregados» e, como da primeira, recebi 50\$. Promete «voltar brevemente». Que o Senhor os traga unidos em caridade. Gosto de os ver assim, não pelo que a carta trazia, mas pela chama que a escreveu. Apareçam muitas vezes, mesmo sem nada, mas com a alma cristãmente inquieta pelos outros irmãos nossos que pelo abandono a que a sociedade os vota não parecem filhos também do Pai do Céu. Brevemente, P.e José Maria terá em suas mãos chales para os Pobres da Curraleira. Bem quiseram fora um combóio carregadinho de coisas. Mas, infelizmente, não terá ele tanto trabalho. Os que podem na capital estão ainda sem conhecer as suas curraleiras. E os irmãos do Barredo vão ter menos sorte ainda, pois os senhores do Porto pouco se têm lembrado deles. Para lá encaminharei um chale oferecido por um médico de Chaves e quantos mais eu possa.

A senhora das camisolas veste algumas crianças em Ordins com malhas que lhes saíram das mãos. De Bragança, um chale grande para quem há pouco foi meia dúzia dos pequenos, «que são um verdadeiro mimo».

O Liceu de D. Filipa de Lencastre pela M. P. F., encomendou-nos 12 chalhinhos, constituindo assim exemplo para outros centros.

Para a Murtosa, chales e pegas e 500\$, na volta do correio, «ficando o restante para ajuda da maior necessidade».

A Luanda se informa que o chale oferecido a Coimbra foi a tempo e horas. Para Lisboa outro, destinado a uma «pessoa já velhinha, e que eu pretendo, na medida das minhas posses, rodear do maior conforto possível, ajudando, ao mesmo tempo, tão meritória Obra».

Já foi para Alfândega da Fé a carpeta aqui anunciada. E para a capital mais dois chales de quem tanto nos tem ajudado, desde a primeira hora.

A Senhora da Praça de Damão, em Lisboa, visitou Beire, Paço de Sousa e Ordins. «Vim com a alma cheia, escreve, e com embrulhos». Levou um mundo de coisas e já voltou por mais. É com razão que nos diz:

«Os meus presentes de Natal vão ser um sucesso». Deixou-nos alguns frascos de mel, não sei se adivinhando, condóida, que muita vez nos terão dado a beber absinto. Bem haja!

Do Porto, uma fiadeira de quem tanto gosto teve em no-la oferecer e que tanto jeito nos veio fazer.

Chales a 125\$ (grandes), 95\$ (médios) e 65\$ (pequenos). Vales para a Casa de Jesus Misericórdioso.

Ordins — Lagares — Douro

P.e Aires

CAMPANHA DE ASSINATURAS

PORTO/LISBOA — A Capital é como a Invicta — precisa de sineta!

Deu-se um pequenino toque na edição transacta e pronto — eila desfilando em bicha, de cara alegre e coração fumegante. Só uma lista enviada pelo sr. Padre José Maria, da nossa Casa do Tojal — a Casa do Gaiato de Lisboa — só essa lista traz um ror de gente!

Eu sei que em Lisboa, como no Porto, aliás, nesta quadra festiva até as ruas são engalanadas. Mas quando a maioria dos Lisboaetas — e são tantos! — conhecerem e amarem mais de perto a «Obra da Rua» — como o Porto desde o seu alvorocer — nesse dia as ornamentações terão outro sabor.

Em verdade, não é empresa fácil — nem cómoda — para os devotos, lançarem as redes à conquista d'almas interessadas em beber da seiva que circula no *Famoso*. Mas quando a nossa alma ferve d'amor por uma causa divina, não há empecilhos nem nada capaz de estacar a caminhada. Temos publicado e publicaremos imensos testemunhos da veracidade desta afirmação.

Avante, senhores Lisboaetas! Não há tempo de perder tempo.

x x x

DO MINHO AO ALCARVE — Quando aqui chego, sinto uma alegria indescritível. Ele não vem dia ao mundo sem que a Província marque presença.

Cartas espumantes; declarações de Fé; entusiasmo transbordante! Quando aqui chego, realmente, sinto uma alegria indescritível.

Pròquê, façam favor de ler e meditar e ganhar forças, da Força

que alimenta a assinante 20380, do Barreiro:

«Tenho o prazer de lhe enviar o nome de mais duas novas assinantes. Nem uma nem outra conheciam o jornal. Fiquei contente por o quererem assinar e irei sempre trabalhando para ver se consigo mais alguns — que a tantos bastantes falta faziam conhecerem-no. Que Deus nos ajude para que possamos ajudar os outros».

Almas assim interessadas a desbravar são capazes de realizar o incrível. Por isso, o Barreiro tem sido e há-de continuar a ser um viveiro frutuoso de leitores do *Famoso*.

Um salto a Alpiarça e temos revolução nos C. T. T. daquela vila! São as funcionárias. E não tarda que elas mesmas lancem amanhã, fora dos guichets ou das secretárias, o fogo que as abraça — visto Alpiarça ter ainda muito poucos leitores.

A propósito de gente dos C. T. T., devo ainda acusar recepção do produto de mais uma revolução, mas nos Correios das Caldas da Rainha. São mais 7 novos leitores que, se me não engano, entregaram a lista ao nosso vendedor naquelas bandas. Ora se tanto em Alpiarça como nas Caldas da Rainha o *Famoso* anda por lá nos cumes, eu acho que não tardam a bater-nos à porta.

E a *procissão* continua com Braga (a esfregar os olhos!) e Canidelo e Covilhã e Santar; mais Azeitão e Aveiro. Aproveitando a ocasião, eu devo declarar que o nosso *Baleia* — vendedor de «O Gaiato» em Aveiro — anda muito comovido pelo carinho de toda aquela gente pela nossa Obra. Diz-me que nos dias de venda de

CONFERENCIA — O facto de só agora falarmos na Conferência não quer dizer que outros assuntos tenham sido de maior importância. Não senhor. Tudo o que temos vindo a noticiar tem o seu grau de valorização. Daí o só agora falarmos da Conferência. Infelizmente para nós vicentinos, as notícias são tristes. Tristes porque o espírito vicentino tem andado arredio de nós próprios. A acção que deveríamos exercer nos Pobres e em nós mesmos, tem sido frouxa. Eu quase diria nula. As esmolas amontoam-se. Os Pobres não são visitados. E assim não pode ser. Estamos a enganar e a enganarmo-nos. O Pobre espera todos os domingos por nós e embora não seja muito aquilo que lhe levamos, ele está à espera do pouco que costuma receber. É assim o Pobre. Ninguém o pode enganar. E nós estamos a retroceder.

Eu apeteia-me hoje pedir, porque temos necessidade de o fazer em virtude da aproximação do Natal. Mas não peço. Nós quase não temos sido dignos de receber. Ou melhor; não temos sido dignos de receber para ir dar. E é pena. Porque quando se não é digno de receber para dar, nós, vicentinos, bem podemos levantar os olhos para cima e perguntar ao Céu. Porquê?

Informamos a Senhora do costume de Lisboa que nos enviou os 40\$00 referentes a Novembro e Dezembro e alguém das Caldas da Rainha que nos enviou 50\$00 que foram recebidos e desde já agradecemos. Aos nossos subscritores de Lisboa também queremos agradecer os 300 e tal escudos que todos os meses nos são dados. A todos o nosso muito obrigado.

FUTEBOL — Ultimamente o grupo tem estado em pouca actividade. Os que nos têm visitado são fracos, à excepção do Atlético Club Tojal. Os resultados assim o indicam. 12-0 à J.O.C. dos Anjos; 11-0 a outra secção da J.O.C. que os acompanhou; 3-3 com um grupo de Fânhões; 12-3 a outro de Bucelas; 6-0 ao Casaihos; 3-5 com o Tojal; e 11-2 com o Colégio de Loures.

Entretanto o nosso grupo ainda esta época não conseguiu fazer uma exi-

jornal é disputado para ir almoçar ou jantar a casa dos nossos amigos. Que em conversas todos se mostram mui interessados em realizarmos lá uma festa à Coliseu. E que era um sucesso — afirma o nosso Baleia. Tem a palavra o Sr. Padre Carlos, o Américo e mais e mais. Nós temos de ir a Aveiro. Temos de aliviar a carga do nosso Baleia.

Mais Coimbra e Fânzeres; Alfena e Lousada. E aqui está um mapa de Portugal!

x x x

ESTRANGEIRO — Os portugueses da América do Norte estão numa época de revigoração de amor pela nossa Obra. Hoje temos a presença de gente fresca de Chicopee — Massachusetts. Mas ele é bom lembrar sucessivos pedidos de uma senhora de Newark, que ora tem por lá o nosso documentário para várias sessões, e que deve ter feito já muito barulho. Ora a referida Senhora, tão nossa amiga, pediu que lançássemos um apelo aos compatriotas ali residentes para serem todos assinantes do nosso jornal. Acho que, sobretudo quantos viram na tela o nosso documentário, hão-de ter ficado com apetite pelo Famoso. Mas, se não, cabe aos leitores da América secundar a realização do voto da aquela Senhora, que é nosso também.

Finalmente, já que estamos a falar de portugueses no estrangeiro, não podia de deixar de acusar a recepção de novos leitores do Rio de Janeiro — sem medo de câmbio. Graças a Deus! E mais nada.

Júlio Mendes

bição capaz de convencer os nossos rapazes. A falta de aplicação nos treinos contribui grandemente para o fraco rendimento e até para a indisciplina da equipa. Nós sabemos perfeitamente que estivemos durante muito tempo sem enfrentar outros grupos, mas a verdade é que esse facto não valida o pouco rendimento da equipa.

É preciso pois, que todos contribuam para o engrandecimento do nosso club, principalmente agora que temos em vista a realização de bons desafios com boas equipas. Aproveitamos para pedirmos às Ex.mas Direcções do Belenenses, Benfica, Sporting e Atlético o favor de nos darem alguma bola que esteja prestes a ir para a arrecadação, assim como camisolas e calções, que na verdade temos grande necessidade. As vezes a gente perde por não pedir e as coisas vão para o lixo por não serem pedidas. Ficamos à espera e desde já agradecemos a vossa estimada oferta.

Cândido Pereira

LAR DE COIMBRA

— Finalmente despertei eu, já que o habitual cronista está silencioso há tanto tempo.

Começo por dar algumas notícias deste Lar, daquelas que são dignas de menção não só assunto de que se reveste como também pelo seu teor.

O Lar está, este ano reduzido a pequeno núcleo — apenas 14 rapazes. Em relativamente pouco tempo deram-se numerosas emigrações de alguns dos nossos rapazes.

Os dois professores que andaram sempre ligados entre si e a Obra, separaram-se agora, estando o Carlos Manuel a cumprir o serviço militar em Távira, prestes a mudar para Mafra e o Carlos Alberto, que depois de exercer durante um mês na Escola de Leitões, Mira, se encontra presentemente em Lisboa onde está a ampliar o seu curso no Instituto Costa Ferreira para vir ser útil à Obra.

— O 1 de Novembro foi um dia, piramidal para nós, um dia, na verdade, inesquecível para todos: o casamento do Machado. Às 11 horas iniciou-se na nossa Capela de Miranda a cerimónia do casamento, celebrado pelo Sr. Padre Horácio. Depois deste, seguiu-se a Missa, acompanhada de cânticos.

A homília falou o Sr. Padre Carlos, que depois de dar vários conselhos aos noivos, terminou desejando que o novo lar, seja como o de Nazaré.

No final da Missa, procedeu-se à bênção do Matrimónio, recebendo-a também o Albino Marçal e sua esposa, que o não tinham recebido no dia do seu casamento, celebrado já há anos.

No final desta cerimónia procedeu-se à bênção da primeira pedra para a nova Casa dos rapazes mais velhos, sendo colocada no seu lugar pelo Sr. Padre Carlos, Machado, Luiz e Manuquim. Em seguida tiraram-se as fotografias da praxe, no fim da qual se seguiu o que interessava ao organismo, que já dava horas lentas. Alegria a rodos, e comida de categoria. Aos brindes falou o Sr. Padre Horácio, lembrando os nossos militares, especialmente os que se encontram nesta hora grave ao serviço da Pátria. Falou o amigo da primeira bora, e patrão do Machado, Sr. Carlos Sá, e eu em nome dos rapazes do Lar.

Imediatamente contíguo ao almoço efectuou-se um desafio de futebol entre Miranda e o Lar, a despedida do Machado, vencendo os primeiros por 3-1. À noite houve um magusto, terminando assim este dia grande para esta Casa e Obra em geral, porque é mais um filho que dá o grande passo no caminho que Deus lhe traçou.

Ao Machado e Maria Tereza, que já convidaram a comunidade de Lar

para ir a sua casa, onde fomos obsequiados com azeites de categoria, deseja a rapaziada do Lar felicidades eternas, e o Machado que conte sempre connosco para clientes do seu estabelecimento, ao mesmo tempo que desejava que o negócio progreda.

João Hingá

LAR DO PORTO

CONFERENCIA — Só hoje chegaram às minhas mãos, duas cartas: Uma vinda da U. S. A., que juntava um cheque com dez dólares e a outra também da África, desta feita de Lourenço Marques. Ambas se destinavam à entrêvadinha da Sé para compra dum carrito que há tempos pedimos nestas colunas. Em virtude desta nossa socorrida ter perecido devido a um ataque cardíaco de que foi vítima, informamos estes nossos prezados benfeitores de que a referida importância vai ser distribuída pelos nossos mais necessitados.

Recebi também da Senhora D. Maria da Glória M. Alves vinte escudos e promessa do envio mensal de metade da referida importância. Este donativo será destinado, como é vontade da referida Senhora, a uma velhinha do Barredo, cuja identidade pronunciou.

Aproxima-se, como é do conhecimento de todos, o inverno e, com ele, o frio, as chuvas, em suma o mau tempo. Os nossos Pobres, que durante todo o ano sentiram falta de roupas, vêm-se desde já seriamente preocupados com o que hão-de vestir e como hão-de agasalhar os seus filhos na próxima estação. Já por várias vezes me têm dito que os seus filhos não têm ido às aulas por falta de roupas e calçado. O calçado sempre foi o problema mais difícil de solucionar. Na cidade é expressamente proibido andar descalço. Os nossos Pobres não têm dinheiro para calçado!, e o resultado é ficar em casa, pois se vêm para a rua serão multados. Se não têm dinheiro para pagar a multa vão para o Aljube, pagar com o corpo — e tudo por causa de uns sapatos.

Há por este país for tantas fábricas e sapatarias que, com um bocadinho de boa vontade e sacrifício poderiam ajudar a resolver este problema. Quantas delas não terão calçado a estragar-se e que para nós faria tanto jeito!... Mas nem só as sapatarias e as fábricas de calçado terão obrigação de resolver o problema. Vós mesmos, prezados leitores, concerta tendes em vossas casas calçado e roupas que já não têm utilidade alguma e para nós, nos ajudariam a resolver inúmeros problemas. Tudo serve, mesmo que esteja velho, roto ou sujo. Felizmente os nossos Pobres também têm alguma habilidade para consertar o que for necessário.

Suplico-vos prezados leitores que não vos esqueçais dos nossos Pobres. Já experimentásteis alguma vez como o frio é doloroso?! E já agora também queria pedir que, se por acaso tivessem alguns cobertoritos e colchões velhos, agradecíamos que se lembrassem de nós.

A todos muito obrigado, que eu e os nossos Pobres cá ficamos à espera das vossas sempre agradáveis notícias.

Alberto de Almeida

Paço de Sousa

CONFERENCIA DA NOSSA ALDEIA

Os nossos Pobres — Apesar da nossa boa vontade frente a casos difi-

ceis, de ordem moral, que temos entre os nossos Pobres, não vemos, ainda na generalidade, uma regeneração eficaz. Num caso particular houve, até, mais uma queda! Muito nos desgostou. Tanto amparo, tanto carinho, tanta assistência — e nada. Desanimar? Nunca!

Ainda não sabemos, verdadeiramente, que fazer. Pecadora pública, cabeça fácil e já com uma manada de filhos esta mulher é um caso sério, tão sério que uma resolução digna pró seu problema deve ser amadurecida pela oração — antes de ser aplicada. Culpa dela? Sem dúvida. Culpa dos homens? Tanto ou mais. São casos que arrepiam. Que nem se podem aprofundar. E trouxe-o hoje à luz pelo muito que nos doi, pelo interesse que dispusemos na sua regeneração — e não quis. E o homem, os homens pecadores, também não. Triste mundo!

Que Deus nos ilumine e nos dê cada vez mais Fé, mais Esperança, mais Caridade. Que nos faça mais d'Ele — para sermos melhores vicentinos — e termos força pujante para nos dedicarmos, sem desfalecimento, nesta cruzada que, infelizmente, não é só das cidades.

x x x

O que recebemos — Temos aqui um rol de ofertas de que não tem sido possível acusar recepção há mais tempo. Porém, acho que os nossos amigos não devem estar aborrecidos. O Famoso é pequeno pró muito que há pra dizer. Abre uma Senhora, do Largo do Priorado, no Porto, com 20\$00. E 500\$00 de um anónimo. E 50\$00 do assinante 15436. Mais 10\$00 do n.º 21724, com esta legenda: *Peço-vos desculpa de só agora mandar mas eu tenho 4 filhos pequenos e mulher, e só ganho 30\$00 e até agora ganhava 25\$00, por isso sabeis o que são vidas de Pobres. Só de joelhos e olhos na Cruz. Mais nada. Segue a assinante 26229 com 20\$00 e a 17022 com a presença habitual, 80\$00 e mais 40\$00. Do Funchal, mais 440\$00. Lamego, o mesmo. Barcelos, 15\$00 do assinante 16415, por alma de sua Mãe. Mais 70\$00 da Quinta da «Vaquerinha». E 20\$00 de Rolando Ramos. E mais 20\$00 de Torres Novas. E 50\$00 da Covilhã «para a ceia do Natal». Ótimo! Venham mais com esse destino. É que nós não faltamos com a Consoada. Mais 60\$00 de Lourenço Marques, de mão amiga e conhecida. Novamente a assinante 17022, que é uma presença inseparável! E agora vem lá «Um par de septuagenários muito amigos desde que Deus os uniu» e «que conheceu o Santo Padre Américo antes da tal *puncada*, com 50\$00. A carta é toda ela digna de transcrição, pela beleza que encerra. Mas... o espaço? Que Deus cumule de Graças este casal tão amigo, cujo amor pelo nosso querido Pai Américo jamais se apaga — e atingirá o zenith quando todos se juntarem no Seio de Abraão, que Pai Américo já goza plenamente. Temos agora 250\$00 da Beira — o meu 1.º aumento de há 8 anos. E, finalmente, 100\$00 do assinante 1110 e 250\$00 de Lisboa pró jornalista de que nos ocupámos nas ultimas crónicas.*

Júlio Mendes

TIPOGRAFIA. Martins, Miguel e Bojarda, pediram para ser aumentados no seu ordenado. Aos dois primeiros foi concedido, mas com a recomendação de que há algumas coisas que têm de mudar. O trabalho tem de render mais, muito mais. A limpeza e cuidado com as máquinas não pode ser descuidada. O azeite e arranjo da oficina, um facto. O respeito, prontidão e obediência pesam muito nestes casos. A dedicação total às funções em que somos investidos não pode ser um mito.

Isto não são exigências mas regras que têm de reger sempre e em todas as circunstâncias para que o prémio seja justo e não dê margem a reparos. O último viu preteridas as suas aspirações. Falta de cuidado com a máquina. Falta de limpeza. De cuidado com os rolos lavagem dos mesmos. Ainda agora foi aqui um sarilho. Tinha uns cartões cortados, escondidinhos na sua secção, prontos a serem impressos: — Para que era isto e de quem é? — Não sei. Não é meu. — Mas só tu é que estás aqui. Como vem a ser isso? — Ah é verdade, são uns cartões de boas festas... — Mas não há aqui ninguém quem pedir? — Como sei que não sou autorizado, vi-os na encadernação e dei-os...

Ele é já um homenzinho. Tem trabalhado bem. Bom impressor tem arcado com a responsabilidade da tiragem do jornal e do livro. Esperamos dele muito mais. Que se seja mais honesto para seu único proveito.

*

BAPTISMOS. Quando entra alguém de fresco, é costume ser baptizado com uma alcunha. Assim sucede na Tipografia, sempre que há calçados. Ainda agora, com um lenço por sobre a cabeça e um balde de água por cima, como manda a praxe foram baptizados o Antero, que agora passa a ser o «Faz-me rir» tem como padrinho o Martins. Fridão, que passa a dar pelo nome de «Massa com batatas», tendo como padrinho o Manel Eiga. Vila do Conde «Maria Alfreda» e tem como testemunha o Zé Pardal que é o novo «Lázinha», apadrinhado pelo Carpanera. Gordo, o «Xuxa»... e Silveira e tem como padrinho António Pipas!...

Depois do juramento e as promessas que fazem diante de todos. Reia a satisfação e alegria e é de crer que estes novos elementos que entraram ao serviço amem mais sua obrigação e que mais tarde saibam tirar proveito são os nossos mais ardentes desejos.

*

UMA CUNHA. Sim, vamos metê-la aos prezados leitores por via dos rádios para as Escolas para a casa 4 e para os Condes. É um artigo de primeira necessidade. Se os leitores vão a pensar que uns já têm mandado e por isso se ficam... e nós a tocar viola. Não veio nenhum e é uma pena. Vá dar um jeitinho nisso, sim?

Outro pedido que temos vindo a fazer é o de discos. Não tem vindo explicação nenhuma, por isso como nos havemos de explicar a nós? Há tantos discos, tantos teres de categoria, tantas casas de especialidade — porque não dão leitores uma desenrascadela Silva, dizendo-se todos tão nossos amigos... Ainda não perdemos fé. O nosso pick-up está parado há já muito tempo, mas agora é que coisa lá-de ir concertada. O que queremos é que os senhores «afirmem» e mandem pra cá...

*

NATAL. Cá está o Natal. As cardas de coisas ainda não começaram a avenida acima, mas temos fé que não demorarão. A nossa Família é enorme. Os correios são sempre fora do muro. O combóio a de passos... e nós cá estamos... Escusa de haver receios que nada fica para o ano. Os da venda estão preparando «sacos» e não querem vir com eles vazios. Sempre a via-

*

«Pão dos Pobres»

Foi como se disse: o primeiro milhar vai em viagem rumo aos assinantes e já Eurico tem preparados outros mil, que Caracol despachará.

Eu devo confessar aqui que a apresentação do nosso livro deixa muito a desejar. Ele as capas um nadinha fora de medida. Ele os cadernos mal cosidos. Ele a capa mal colada... Por muitos cuidados que foram recomendados e várias revisões que se fizeram — não hão-de tardar a uma ou outra devolução porque se repetiram cadernos e faltam outros... São os desastres tradicionais e inevitáveis numa desorganização em que tudo é feito por eles. Mas estes acidentes são, justamente, um sabor que se acrescenta à doutrina substancial que é a prosa de Pai Américo. Aqueles dos leitores que compreenderam o espírito que vai no conteúdo do livro, hão-de apreciar o continente com todas estas vicissitudes.

Este Natal o Menino Jesus vai pôr no sapato de gente grande, almas ávidas da simplicidade da Verdade, este manjar mais do Céu que da Terra, que é o «Pão dos Pobres». Só metade dos assinantes da nossa Editorial serão presenteados. Mas lá pelos Reis estará a outra metade se Deus quiser. Ainda é época de Festa. E depois, como é princípio de ano, tempo de renovação de vida, é muito oportuna a alimentação da alma com este Pão, que ajuda a levantar para o alto corações talvez demasiadamente debruçados sobre a Terra e o que de efêmero nela se contém.

Quantos testemunhos quando foi da 1.ª edição do «Pão dos Pobres»! Quantos deles, quando foi a reedição do I volume! Por isso, se alguém leu este, não passará agora sem pedir aquele. Tal qual acontecerá ao que tiver no II volume o seu primeiro encontro, que logo pedirá o I, enquanto espera ansioso que os prelos dêem o III.

E, se me dão licença, mais uma palavra:

Que os presentes assinantes não guardem o bem só para si; antes o comuniquem a outros. Assim como Júlio vem sustentando há tanto tempo, com tanto entusiasmo e proveito — Deus louvado! — a Campanha de Assinaturas pró jornal, assim também a respeito do livro ela se impõe.

Tirámos 7.000. Para além dos actuais assinantes ficarão de sobra cerca de 2.500, que nós não queremos lançar no comércio, mas sim que venhas cá buscar.

Quem dera que breve fosse necessária a 3.ª edição! Crê que mais alegria nos dá o bem que o livro te faz, do que o lucro que nos der!

Cantinho DOS RAPAZES

Meus caros rapazes do Tojal — É para vós, sobretudo, este cantinho. Nada há a lastimar mais em nossa Casa que o rapaz que foge ao trabalho. Ele na Casa ou na Quinta, nas Escolas ou nas Oficinas. É a coisa mais desagradável que se pode ver, algum de vós fora da sua obrigação. Porquê? Simplesmente porque sois rapazes e na vossa idade não se toma nada a sério?... Não. Antes, estais na idade de tomar a vida a sério. Se não é hoje, nunca mais. Até nunca sereis capazes de ser tão generosos como nesta idade. Então o que falta? Falta amor ao trabalho. Falta gosto pela responsabilidade, pela obrigação bem feita. Falta paixão pelo vosso ofício.

Quereis um exemplo? O Toininho é um rapaz de Paço de Sousa que está na tropa em Lisboa. Uma vez aqui procurou o Lar e faz nele as horas livres. É alfaiate. E não há dia que o não veja com um trabalho entre mãos. Se calças ou casacos, ele faz novo, concerta ou adapta o que nos dão. Sem tão pouco querer valer-se da sua arte, que a tem, dignifica-se, pratica, e ajuda-nos. Que quereis de mais belo no trabalho?

Eu não sei se o Sr. Padre Carlos terá provado uma alegria tão saborosa como esta, que deve ser bem rara em nossas Casas. O Toininho quando vem ao Lar vem só para trabalhar. «Então não vens para a mesa?» «Não sr., eu já comi no Quartel». E lá fica ele sentado na sua cadeira, serenamente, a trabalhar. O Toininho é um exemplo.

Ora como há tempos veio para nós um belo tractor e daqui a dias chega uma máquina plana de Tipografia, eu quero chamar a vossa atenção para isto. Não é o valor ou a grandeza da máquina que dá valor ou importância ao que trabalha com ela. É antes a consciência, a dignidade e o interesse com que se aprende e procura aproveitar todas as possibilidades que a Obra põe ao vosso alcance. Em nenhum lado encontrareis tanto. Aqui, tudo, se entrardes em vós mesmos e quizerdes trabalhar com mais consciência e amor.

Padre José Maria

Artigo recente sob este título, em que relatávamos as dificuldades no registo de uma criança cujos pais não são Marido e Mulher, deu origem a erróneas interpretações que nos julgaram defensores da dissolubilidade do Matrimónio. Houve, mesmo, jornais que transcreveram a narração do caso, fazendo dele bandeira de guerra a favor do divórcio!

Ora nós temos o dever de pôr as coisas no seu lugar, conformes ao nosso pensamento e intenção.

«Filhos de Pai Incógnito» — veio para defesa da JUSTIÇA e da VERDADE; para acautelar os direitos de quem não sabe, ou não pode, defender-se; para ajudar a entender e amar a LEI — não para tornar fácil a vida ou legitimar situações que estão fora da Lei divina, que são contra Ela, portanto contra a JUSTIÇA e a VERDADE.

O casamento é um contracto que só a morte rompe. Por isso exige uma preparação séria, o conhecimento mútuo dos contratantes, a consciência exacta dos deveres e dos direitos de ambos — precisamente para que mais tarde a separação não tenha probabilidade de surgir como solução, ela que é, em verdade, um passo falso que nada resolve.

CONTRASTES

Há dias, numa revista periodicamente enviada pela Embaixada dos Estados Unidos, li, acerca das «Fontes do desenvolvimento económico», o seguinte:

«Parece serem três as principais origens: o desenvolvimento da Técnica, o aperfeiçoamento da qualidade da força operária e a economia da produção em larga escala, que os mercados nacional e internacional expandiram.

Embora estas origens do desenvolvimento económico sejam todas relativamente abstractas e invisíveis, são susceptíveis de serem deliberadamente compreendidas, tanto pela iniciativa privada como pela política pública. Todas sugerem que faríamos bem em ampliar o nosso conceito de «capital» social para além dos tijolos e do cimento, para incluir o investimento em coisas tão intangíveis como a educação e o treino e a reserva de saber útil. No dizer do Presidente Kennedy, «uma componente fundamental dum programa para acelerar, a longo prazo, o desenvolvimento económico, é o aperfeiçoamento firme da qualidade dos recursos humanos da Nação. Máquinas modernas e progresso técnico não bastam, a não ser que sejam utilizados por uma força operária educada, hábil e saudável».

(O sublinhado é nosso)

Que linda, que verdadeira esta perspectiva, onde a componente humana tem o seu papel, aliás fundamental!

Filhos de pai incógnito

Separar aqueles que Deus uniu é arruinar os corações e as consciências dos filhos. Eles são os verdadeiros sacrificados, quando os pais não sabem nem querem sacrificar-se, no esforço de conformação mútua — única solução das divergências e reforço da unidade familiar.

O mal está em tantos casamentos feitos levianamente, sem o sentido do acto sacro, definitivo, que ele é. Que o Casamento não é um remédio, um arranjo de vida para quem o contrai! É um estado de mais perfeição em que, da união dos dois, resulta para cada um, maior fortaleza espiritual posta ao serviço da liquidação da dívida fundamental de cada homem aos outros, ao seu próximo: amá-lo — porque esse amor, «sacramento» do amor a Deus, realiza a plenitude da LEI. Esta é a grandeza do conceito cristão do Matrimónio —

contracto sim, mas sagrado, em nada semelhante aos contractos profanos que hoje se estabelecem e amanhã se rescindem, por conveniência accidental de ambas as partes!

Voltando ao nosso caso... Defender a dissolubilidade matrimonial seria legalizar a possibilidade de multiplicação de filhos realmente sem pais, já que eles se não podem dividir por um e por outro, em sua separação.

Isso ainda seria pior do que chamar ilegítimo ao que na verdade o é: um filho sem pai; ou melhor: um pai que não adopta nem assume as responsabilidades que lhe competem relativamente ao seu filho.

A solução autêntica é, justamente, que a Lei torne difícil o nascimento de filhos sem pai e sem mãe que sejam entre si Marido e Mulher, numa situação de instabilidade na qual é impossível o equilíbrio familiar.

Mas, quando de facto nasce um filho fora destas condições, que a Lei o não ignore ou classifique de ilegítimo; antes o proteja, na justa medida da fragilidade dos vínculos familiares em que nasceu — chamando os pais à responsabilidade, eles que são realmente os ilegítimos.

E quando acontece que um filho nasça de pais que não são, nem podem ser, Marido e Mulher, é de lamentar que tal suceda... — mas não se resolve um passo falso com um registo falso, negando ao verdadeiro pai o direito de dar o nome ao filho, e violentando o direito do Marido da Mãe ao atribuir-lhe um filho que não é seu.

Não ignoramos a dificuldade destas situações, mas parece que o caminho mais certo é a Lei ser simplesmente verdadeira, — não dar a Deus a moeda de César quando, infelizmente, não há nada de Deus para LHE dar.

E concluimos, lembrando que estes artigos não têm por objecto defender ou facilitar as irregularidades dos pais (com mais ou menos atenuantes que elas tenham!...) Pelo contrário considera-se que é sua missão defender os filhos dessas irregularidades, procurando uma Lei que as dificulte o mais possível, e atribuindo aos verdadeiros culpados o peso das responsabilidades e das consequências da sua culpa.

Ernesto Pinto

Nota da Redacção: Para sermos exactos, informamos que este artigo sai assinado pelo nosso Ernesto porque é inteiramente seu o esquema das ideias, ainda que a forma delas tenha sido retocada na Redacção.

Colabore na

«CAMPANHA DE ASSINATURAS»

Contos, contos e mais contos — «mons parturiens» para uma mentalidade quase totalmente materialista.

E tudo isto é verdade — técnica, económica, financeiramente falando! Porém isto não é tudo; falta a dimensão humana.

Que milhões de poucos a gerarem o bem estar de muitos — é um crédito que ainda está por fazer!